

**PEDAGOGIAS VISUAIS A CONTRAPELO NO CARNAVAL
CARIOCA: tensões entre política, religião e festa durante o
governo de Marcelo Crivella
VISUAL PEDAGOGIES AGAINST THE GRAIN IN RIO'S
CARNIVAL: Tensions between politics, religion, and celebration
during Marcelo Crivella's administration**

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Eliezer Gonçalves Cordeiro²

Ana Valéria de Figueiredo³

RESUMO: Este artigo investiga como os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, entre 2018 e 2019, reagiram às tentativas de controle moral e de desmonte cultural promovidas pela gestão de Crivella, marcada por valores teocráticos e conservadores. A partir de uma abordagem qualitativa e documental, analisamos dez reportagens publicadas nos portais G1 e UOL, coletadas com base nas palavras-chave “Crivella Carnaval”, a fim de compreender as tensões entre poder público, religião e cultura popular. Dialogando com Leda Maria Martins (2023) e Antonio Negri (2017), interpretamos o carnaval como prática estética e pedagógica de resistência — uma pedagogia visual que ensina a ver o mundo pela contramão da moralidade dominante. Os resultados revelam que, diante do corte de verbas e do discurso de desvalorização da festa, as escolas de samba, especialmente a Mangueira, transformaram o desfile em gesto político, reafirmando o carnaval como espaço de crítica, criação e reexistência coletiva.

Palavras-chave: carnaval; pedagogias visuais; política; religião; resistência cultural.

ABSTRACT: This article investigates how the Rio de Janeiro samba school parades, between 2018 and 2019, reacted to attempts at moral control and cultural dismantling promoted by Crivella's administration, marked by theocratic and conservative values. Using a qualitative and documentary approach, we analyzed ten news reports published on the G1 and UOL portals, collected using the keywords "Crivella Carnival," in order to understand the tensions between public power, religion, and popular culture. Engaging with Leda Maria Martins (2023) and Antonio Negri (2017), we interpret Carnival as an aesthetic and pedagogical practice of resistance—a visual pedagogy that teaches us to see the world against the grain of dominant morality. The results reveal that, faced with budget cuts and the discourse devaluing the festival, samba schools, especially Mangueira, transformed the parade into a political gesture, reaffirming Carnival as a space for critique, creation, and collective resistance.

Keywords: Carnival; visual pedagogies; politics; religion; cultural resistance.

¹ Professor efetivo do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IAP-UERJ); e-mail: leandrosalesufrj@gmail.com

² Professor substituo do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IAP-UERJ); e-mail: ellyezercordeiro@gmail.com

³ Professora efetiva do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IART-UERJ); e-mail: anavalfigueiredo@gmail.com

INTRODUÇÃO

*A luz do sol bate na lua...
Bate na lua, cai no mar...
Do mar ascende à face tua,
Vem reluzir em teu olhar...
[...]⁴*

Quem nos auxilia a abrir os caminhos deste estudo é o saudoso poeta Manuel Bandeira (1958). Em epígrafe destacada nos preâmbulos lineares desta seção, o poeta, no livro *Carnaval*, mais precisamente no poema *Madrigal*, galanteia sua amada compondo uma imagem poética curiosa e inusitada, salientando o óbvio travestido de dissimulação. O que desejamos extrair do poema é a essência lógica-formal que se impõe: as coisas existentes e cantadas no lirismo, na arte literária, são porque estão em relação entre si; caso contrário, não seriam, iriam apenas solitárias e sem sentido por um mundo que já não mais seria mundo, que já não mais teria lua, nem mar, nem eu, nem nós e tampouco o carnaval, o qual só existe na relação com o que há. O que há, há no humano, e o humano em tudo habita pela artificialidade do seu trabalho, que afugenta em parte a fugacidade substantiva que reside na efemeridade da vida. Portanto, da mesma forma como Manuel Bandeira (1958) nota no poema que a luz do sol repousa sobre a lua, a da lua sobre o mar e assim por diante até que diga respeito a nós, seres humanos, notamos neste trabalho que a luz – ou as trevas – das conjunturas políticas dos últimos anos no Brasil e no Rio de Janeiro repousam sobre o fazer artístico carnavalesco. Fazer artístico de homens e mulheres que se tornam retóricas de educação, fazer artístico que todos os dias experimentam na vida violações, posições de subalternidades, mas também de trocas e negociações que lhes podem auferir melhores condições humanas, ou lhes podem precarizar ainda mais a existência. Para iniciarmos um caminho que nos será possível vislumbrar o nosso objeto de estudo – a relação dos desfiles de carnavais de escolas cariocas que de forma mais substantiva e apropriada, tecendo com finos fios de análise a trama social e política pela qual o país, o estado e o município do Rio de Janeiro passaram entre os anos de 2018 e 2019, reagiram à ofensa feita aos seus trabalhos, perspectivas artísticas e de, verdadeiramente, ensino comunitário.

⁴ Bandeira, 1958, p. 120.
Cadernos Zygmunt Bauman

Queremos dizer, de forma mais direta, que almejamos fazer uma rememoração, nesta seção, dos principais fatos políticos pelos quais o país e o estado citado anteriormente passaram no que tange o seu cenário de participação democrática. Além disso, dialogando com este campo de compreensão – o político –, pretendemos assimilar de forma mais fidedigna como esses fenômenos factuais possibilitaram a insurgência de uma arte carnavalesca direcionada, criticamente construída com fins a atingir personagens muito bem definidos, mas que, com certo cuidado, pudesse vazar e lograr outros alvos que fizessem jus à “carapuça”. Empreendemos também recorrer às problematizações trazidas pela professora Leda Maria Martins (2021), a fim de que se aprofunde o nosso conhecimento acerca das performances políticas em artes – sobretudo as performáticas, caso dos desfiles de carnavais –, que fazem o tempo espiralar em entrecruzos coreopolíticos, com fins a um movimento maior do qual nos fala Antônio Negri (2017), autor basilar que também comporá o imo desta seção. Pensar com Negri (2017) é repensar formas de “levantes” e insurgências de uma brava gente brasileira que descobriu a diferença entre os anos de 2018 e 2019 em que há nos movimentos de pausa/intervalo, interrupção/ruptura como culminantes de um acordão geral de que não seria uma mão mágica que os levantaria bem longe da catástrofe que se prenunciava. Era preciso se “levantar” e se enervar de paixão pela terra na qual se pisa, se enervar de paixão pelo chão da escola de samba no qual se samba; era preciso, de acordo com Negri (2017), assumir a “ontologia positiva”⁵ da vontade radical que altera a rota do presente visando outro futuro.

PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

É assumindo as escolhas do nosso “chão” que neste artigo traçaremos o perfil dos movimentos políticos que tomaram projeção nos últimos anos no Brasil e que de alguma maneira se relacionaram ao carnaval, com olhar especial ao caso do Rio de Janeiro; ou, se podemos optar por outra forma de a eles nos reportamos, falaremos em movimentos políticos operantes de massa. Para isso, lançaremos mão de revisitarmos os portais digitais de notícias do *G1* e do *UOL*. Os veículos de informação ora escolhidos assim foram

⁵ Dissecaremos melhor o conceito em páginas mais adiante.
Cadernos Zygmunt Bauman

selecionados pela dimensão de acessos mensais que possuem. Na página de cada uma dessas plataformas, é possível verificar que, de cada 10 brasileiros/as internautas, pelo menos 9 acessam – direta ou indiretamente – diariamente um dos dois portais de notícias citados (Meireles, 2021). Isso faz com que eles entrem para um seleto grupo que compõe o *ranking* dos 6 portais de notícias mais importantes do Brasil, de acordo com levantamento realizado pela *Comscore*, uma empresa de origem americana que faz o monitoramento de portais de notícias e redes de televisão mundo afora. O trabalho da empresa analisa as medições de acessos do público contemplando diferentes recortes. Cabe mencionar que o *Uol* é um dos mais tradicionais no gênero, estando em atuação no país desde o ano de 1996 (Meireles, 2021).

A fim de colhemos as notícias com o agente político que ocupava o cargo de gestão entre 2018 e 2019, trabalhamos lançando na barra de buscas do *Google Pesquisa* o seguinte grupo de palavras-chave: “Crivella Carnaval”. Seleccionávamos as primeiras 5 notícias que apareciam, as quais nos eram dadas pelo algoritmo de buscas citado anteriormente. É preciso ressaltar que o aparelho de computador utilizado para o comando no portal de pesquisas, citado em busca das notícias, foi uma ferramenta de utilização exterior ao nosso círculo de uso, hodiernamente resetado a fim de que os dados não viessem enviesados pelas nossas buscas anteriores em nossos aparelhos pessoais. Portanto, foram utilizados computadores de utilização comunitária alocados em laboratórios de informática, o que implica ao computador cuidados especiais e descentralizados em termos de preferências. Como os nossos grupos de palavras-chave nos foram bastante precisos, líamos a matéria e íamos preenchendo as lacunas narrativas para formar uma descrição coesa dos anos sobre os quais nos detivemos em analisar. Cabe mencionar que, para o ator político citado – Crivella –, fizemos um levantamento de 10 notícias. Isto porque, como estamos a trabalhar com dois portais de informação, e como de cada um deles tiraríamos as 5 primeiras matérias que nos aparecessem, no fim, cada figura política teria em números um universo de 10 produtos informativos os quais analisaríamos. Ademais, quando queríamos precisar os veículos de informação dos quais gostaríamos de explorar, acrescentávamos os nomes deles ao final das palavras-chave, ficando, o composto, da seguinte maneira: “Crivella Carnaval G1” e assim sucessivamente com o outro portal. Assim, vamos aos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: “quem não gosta de samba, bom prefeito não é!”: crivella e o carnaval ⁶

Bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Marcelo Crivella – filiado ao então Partido Republicano Brasileiro (PRB)⁷ – foi eleito, em segundo turno, prefeito do município do Rio de Janeiro no dia 30 de setembro de 2016, com obtenção de 1.700.030 votos, correspondendo a 59,36% dos votos válidos contra o seu adversário no pleito, o então candidato Marcelo Freixo, do Partido Socialista e Liberdade (PSOL). Discursando pela primeira vez após a vitória, o candidato vencedor agradeceu à Igreja Católica pelo apoio recebido, disse que ter ganhado a eleição daquele ano havia sido um trunfo porque, para isto, teve de vencer o que chamou de “uma onda de preconceito” (G1, 2016). Vencido as eleições, muito se ouviu falar do bispo licenciado nos jornais. E é a partir daqui que salientamos algumas notícias importantes veiculadas naquele momento que registram um pouco do que se debatia na cena pública e política da vida carioca e do carnaval:

TABELA 1 – Matérias jornalísticas sobre o prefeito Marcelo Crivella e o Carnaval

Número	Título da notícia	Veículo informativo	Autoria	Ano de produção
I	Crivella diz que vai a desfiles do carnaval do Rio: “não pra sambar”	G1	Lívia Torres	2018

⁶ Esta seção é aberta com uma adaptação da música *Samba da Minha Terra*, composta por Dorival Caymmi, gravada pela primeira vez em 1957 e modificada pelo então prefeito Marcelo Crivella. À época da adaptação feita por Crivella em 2018, ele participava de uma coletiva de imprensa com alguns seguimentos do carnaval para prestar esclarecimentos sobre cortes que sua gestão à frente da prefeitura havia feito ao festejo. O fato ao qual nos referimos pode ser acessado em: <https://youtu.be/34cMPjtOKu4?si=2PgpWsK52C60Sr8>.

⁷ Atualmente, o partido mudou de nome, e é intitulado como Republicanos.

II	“Choradeira pura”, diz Crivella sobre críticas ao carnaval do Rio	G1	Fernanda Rouvenat e Daiane Santos	2018
III	Crivella: “Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas	G1	Raísa Pires	2019
IV	Crivella “bate o martelo” e diz que escolas de samba não terão subsídios da prefeitura no carnaval de 2020	G1	Alba Valéria Mendonça e Cristina Boeckel	2019
V	Crivella teria interferido no resultado do carnaval de 2018, segundo investigação do Ministério Público	G1	Marcelo Bruzzi, Marcelo Gomes, Ricardo Abreu, e Fernanda Graell; Globo News e TV Globo	2020
VI	Crivella quebra tradição e não abre carnaval do Rio	UOL	Mar Marín	2017
VII	Carnaval de rua carioca mira em Crivella	UOL	UOL	2018

VIII	Globo se posiciona contra prefeito do Rio e já começa a divulgar o Carnaval	UOL	Léo Dias	2019
IX	Acadêmicos do Sossego entra na Sapucaí com faixa contra Crivella	UOL	Gabriel Sabóia	2019
X	Crivella é o 1º prefeito do Rio a manter distância do Carnaval	UOL	Gabriel Sabóia	2020

Fonte: elaboração dos/as autores/as.

Ao analisarmos as matérias aqui arroladas, vemos que logo no início de seu mandato como prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Crivella se sentia vítima de preconceito por receber diversas críticas pelo fato de pertencer à uma organização religiosa neopentecostal, a IURD, que era vista por muitos como a instituição religiosa que, de fato, governaria a prefeitura do município. Na verdade, em diversas ocasiões o bispo foi acusado de misturar política e religião, o que ele negava veementemente. Fato é que em toda a sua trajetória política e pessoal a religião sempre esteve muito presente, visto que o político foi missionário em países africanos, seguindo uma lógica colonialista de salvação do continente, e atuou por muito tempo como o braço direito de seu tio e proprietário da IURD, o também bispo Edir Macedo. Fazendo um jogo de mascarado no salão, à cata de apoio ainda no decurso da campanha eleitoral, o bispo candidato vestiu uma fantasia à Pierrot e decidiu “dialogar” com seguimentos culturais até então demonizados pela instituição religiosa na qual ele era – licenciado ou não – bispo.

Numa aproximação com o carnaval, Crivella conseguiu a atenção de um importante interlocutor, Chiquinho da Mangueira, que geriu a Estação Primeira de Mangueira até meados de 2018; além deste, Regina Celi, presidente do Salgueiro, também foi uma agente importante em fazer a ponte entre o mundo do carnaval com o mundo do bispo. Em 2016, Chiquinho estava relativamente preso, fazendo uso de tornozeleira eletrônica em casa, o que não o impediu de orquestrar um apoio em debandada dos dirigentes das escolas de samba ao bispo. Queremos dizer, de forma direta, que boa parte das escolas de sambas apoiaram a candidatura de Crivella, o qual prometia valorizar a cultura – incluindo o carnaval –, pavimentar as favelas e a elas levar saúde e bem-estar social (Name; Ferreira, 2019). Este ponto é interessante para pensarmos na “desromantização” das escolas de samba, e começarmos a notar a relação contraditória que foi se instalando a partir de 2016 no mundo do samba sobretudo ao notarmos esse apoio das agremiações, em especial da Mangueira, à uma proposta de gestão municipal taxativamente contrária ao seu produto artístico de maior visibilidade: o carnaval. Após a vitória de Crivella nas urnas e os primeiros sinais de mudança no humor do prefeito agora eleito, o gestor da Mangueira à época, Chiquinho, deu total autonomia, como num movimento de arrependimento, ao carnavalesco do ano seguinte à eleição – 2017 – para que ele fizesse na avenida o que bem entendesse e o que a comunidade por melhor achasse (Name; Ferreira, 2019).

Esta mudança rápida nos meses do pós-eleição se deu porque, contrariando tudo quanto havia dito durante a campanha, o prefeito eleito anunciou que cortaria pela metade os investimentos na festa, no carnaval. No ano anterior, cujo prefeito da cidade ainda era o político Eduardo Paes, em 2016, as escolas de samba receberam da prefeitura R\$2 milhões para colocarem seus desfiles na Passarela do Samba. Quando já eleito, em 2017, Crivella passou a tesoura no repasse de verba, fazendo-a diminuir pela metade. Decerto, isto impactou significativamente o desfile das escolas do grupo especial, as quais reagiram retomando as ferramentas de crítica em seus carros alegóricos, no samba-enredo e nas fantasias sobretudo a partir de 2018. Vemos, então, a Mangueira se insurgir contra a gestão do seu antigo apoiado e colocar na Passarela Professor Darcy Ribeiro o enredo intitulado de “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco”. Não se sabe se como resposta ou como movimento intencional já predeterminado anterior à crítica realizada a gestão municipal vigente àquele momento, o prefeito anunciou, para o desfile de 2019, mais um corte, também

retirando pela metade o subsídio que a prefeitura repassava às agremiações. Nos atendo ao que dizem as notícias do período em que Crivella esteve à frente da gestão municipal, vemos na reportagem I do quadro que apresentamos que em 2018, Marcelo Crivella, então prefeito do Rio de Janeiro, afirmou que iria aos desfiles do Carnaval carioca, mas destacou que não iria “pra sambar”. Essa declaração gerou controvérsias, especialmente porque Crivella, que é bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, já havia demonstrado um distanciamento em relação ao Carnaval, uma das maiores festas populares do Brasil. A declaração de Marcelo Crivella sobre ir aos desfiles do Carnaval “não pra sambar” foi vista como parte de sua tentativa de conciliar suas responsabilidades como prefeito do Rio de Janeiro com suas convicções pessoais e religiosas. No entanto, essa posição ambígua gerou controvérsias e críticas por diversas razões.

Na reportagem II do quadro, vemos mais uma declaração de Marcelo Crivella, ao chamar as críticas ao Carnaval do Rio de choradeira pura, o que traduz uma postura ao leitor da matéria bastante defensiva e pouco receptiva em relação às preocupações levantadas por diferentes setores da sociedade. Na reportagem III, a declaração do então prefeito, agora em 2019, comparando o Carnaval a um bebê parrudo que precisava ser desmamado e andar com as próprias pernas, nos revela uma perspectiva de que o evento, apesar de sua grandiosidade e relevância cultural, deveria se tornar menos dependente do apoio estatal. Na reportagem IV, vemos que a decisão de Marcelo Crivella de bater o martelo e anunciar que as escolas de samba não receberiam subsídios da prefeitura para o Carnaval de 2020 representou um marco significativo em sua relação com o evento. Essa medida, ao contrário de suas declarações anteriores, não se limitou a uma simples retórica, mas materializou-se em uma ação concreta que impactou diretamente as escolas de samba e, por extensão, a organização do Carnaval.

Analisando a reportagem V, lemos a notícia de que Marcelo Crivella teria interferido no resultado do Carnaval de 2018, conforme investigação do Ministério Público, levantando sérias preocupações sobre a integridade e transparência de um dos eventos mais emblemáticos do Brasil. Lendo criticamente a notícia VI do portal UOL, retornarmos ao ano de 2017, no qual a decisão de Marcelo Crivella de não participar da abertura do Carnaval do Rio, quebrando uma tradição histórica, anunciou um gesto que revelou a complexa relação entre sua administração e o evento. Como prefeito da cidade, sua ausência na cerimônia de

abertura do Carnaval foi vista por muitos como um sinal de desaprovação ou, no mínimo, de desconsideração com a festa. A reportagem VII, sobre o Carnaval de rua carioca mirando em Crivella em 2018, revela a profunda insatisfação e revolta popular com a gestão do prefeito Marcelo Crivella, levando o descontentamento com a gestão municipal para as ruas. Na reportagem VIII, vemos que a decisão da Globo de se posicionar abertamente contra Crivella e começar a divulgar o Carnaval de forma antecipada em 2019 é um indicativo claro das tensões profundas entre o grupo de comunicação e a administração municipal.

Na reportagem IX da tabela, é possível ler que em 2019, a Acadêmicos do Sossego, uma escola de samba do Rio de Janeiro, fez uma forte manifestação política durante o desfile de carnaval. A escola entrou na Sapucaí com uma faixa que criticava diretamente o prefeito Crivella, o que gerou grande repercussão na mídia e no público. A faixa dizia “Respeitamos a religião do prefeito Marcelo Crivella e queremos respeito com o Carnaval: O Rio pede paz” e foi um protesto contra a administração do prefeito, que estava envolvido em diversas polêmicas e controvérsias na época, como já destacamos aqui com base em outros registros jornalísticos. Por fim, ao analisarmos a reportagem X e a relação do prefeito Crivella com o Carnaval, a notícia ratifica que ele foi o primeiro prefeito do Rio de Janeiro a manter distância do Carnaval, e destaca um afastamento notável entre o governo municipal e uma das maiores celebrações culturais da cidade. O Carnaval do Rio, desde a Era Vargas, é tradicionalmente associado a uma forte presença e apoio por parte dos prefeitos, que costumam participar ativamente dos eventos e fazer declarações públicas durante a festividade. O gesto foi uma forma encontrada de evitar possíveis confrontos ou críticas públicas que poderiam, ainda em 2020, surgir durante os eventos carnavalescos. A ausência do prefeito tentou minimizar a exposição a manifestações políticas ou sociais, como as que ocorreram em 2019 destacada por nós com a Acadêmicos do Sossego. Em suma de tudo o que escrevemos, fica muito nítido que o Carnaval carioca sofreu com a gestão Crivella; foi atacado por escusas intencionalidades e motivações religiosas; e foi desacreditado enquanto evento de grande potencial numa tentativa absurda de fazê-lo esvaziar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas tramas que envolvem o carnaval carioca, o que se delineou como vimos foi um embate entre festa e poder, tecendo uma disputa de regimes de visibilidade e de produção de sentidos. As escolas de samba, em suas práticas estéticas e performáticas, assumiram a função de pedagogias visuais ao realocarem no corpo e na cena os saberes subalternos e as narrativas silenciadas pela colonialidade do poder. O gesto artístico, neste contexto, tornou-se gesto político, pois o que se educou foi o olhar — o modo como a cidade, a cultura e o corpo negro e popular são percebidos e significados. Assim, quando Crivella, em sua gestão, tentou retirar o apoio institucional ao carnaval, vimos nisto um ato administrativo, e a incomodativa ideia de uma tentativa de dismantelar um sistema que desobedece a lógica teocrática e neoliberal. É a recusa da alegria como forma de resistência, é a negação da festa enquanto epistemologia insurgente. Dessa forma, o carnaval, mesmo atravessado pela precariedade material e pela censura política, respondeu com potência estética e com reexistência coletiva. As escolas, sobretudo a Mangueira, tornaram-se mediadoras de uma contranarrativa nacional, evocando certa ontologia positiva do comum: o poder de criar mundos a partir da própria força vital da multidão. Entre o corte de verbas e o cortejo, o povo escolheu o cortejo — e ao fazê-lo, atualizou o gesto de desobediência festiva que desde os tempos coloniais reinventa o Brasil pela via da invenção estética. O carnaval, portanto, não é um espelho deformado da política, mas sua crítica encarnada, um modo de ensinar e aprender a ver o mundo pela contramão — a contrapelo da moralidade, da ortodoxia e da ordem.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro. Editora José Olympio, 1958.

GOGAN, J.; NAME, D.; FERREIRA, F.; DEIXA FALAR: *dos pioneiros à Apoteose, um diálogo sobre os sentidos de ‘escola’ nas escolas de samba*. Revista Poiésis, [S. l.], v. 20,

n. 33, p. 15-40, 2019. DOI: [10.22409/poiesis.2033.15-40](https://doi.org/10.22409/poiesis.2033.15-40). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/29116>. Acesso em: 24 out. 2025.

MARTINS, Leda Maria. *PERFORMANCES DO TEMPO ESPIRALAR: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro. Cobogó, 2023.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2021

NEGRI, Antonio. *NO GESTO DO LEVANTE: o poder constituinte e a política dos movimentos*. São Paulo. n-1 Edições, 2017.